

Paulo Cunha*

**TEMPO E CONTEMPORANEIDADE EM
EUCLIDES DA CUNHA**

TIME AND CONTEMPORANEITY IN EUCLIDES DA CUNHA

RESUMO

Este artigo trata de racismo, identidade nacional, colonialismo e intelectuais cooptados pela elite, que, para se preservarem, evitam tratar, em suas obras, de problemas explosivos da sociedade.

ABSTRACT

This issue focuses on racism, national identity, colonialism and intellectuals admitted by the high society that, in order to preserve themselves, avoid discussing in their Works of flaming plights of the society.

PALAVRAS-CHAVE

Racismo. Identidade Nacional. Etnocentrismo. Intelectuais. Ideologia.

KEY WORDS

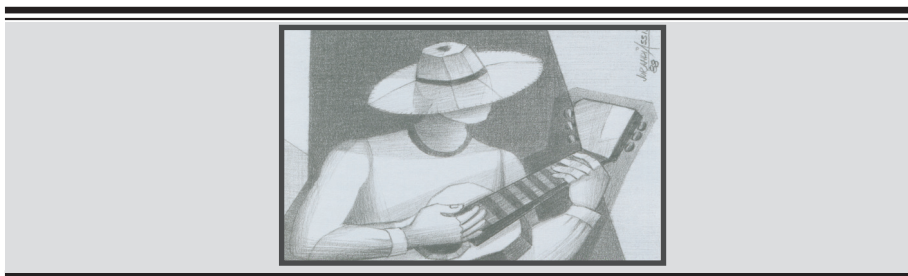
Racism. National Identity. Ethnocentrism. Intellectuals. Ideology.

*Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP, professor da UNESP - Campus de Marília - SP.

R.TEMA	S.Paulo	nº 57	jan/jun 2011	P. 8-19
--------	---------	-------	--------------	---------

TEMPO E CONTEMPORANEIDADE EM EUCLIDES DA CUNHA

TIME AND CONTEMPORANEITY IN EUCLIDES DA CUNHA



No pensamento social brasileiro, um conceito nodal que norteou muito das políticas raciais de imigração e mesmo de branqueamento no país, bem como ainda pauta a reflexão contemporânea de alguns setores da sociedade sobre o homem brasileiro, é o de raça. Debate esse complexo, mas que não é recente, sobretudo, não é acidental, já que se configurou historicamente em uma ideologia racial brasileira elaborada entre 1870 e 1930 por uma elite intelectual, com reflexos até os dias de hoje¹. Isso, no entanto, não está deslocado de outras mediações relacionadas à história da construção de uma Identidade Nacional e um projeto de nação excludente, cuja expressão maior à época foi o Indianismo em José de Alencar, seguida por outras manifestações literárias que tratavam a escravidão, portanto, o negro, na condição de problema. Outra igualmente conhecida enquanto referencial é *Escrava Isaura*, associada a uma escola de pensamento político que, aos poucos, ganharia ares de

¹ Um trabalho extremamente interessante sobre esse debate, pode ser visto em SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

sofisticação entre os intelectuais brasileiros, sendo Oliveira Vianna uma de suas expressões mais categorizadas.

A rigor, isso não seria um posicionamento casual deles, já que a maioria era originária da elite, e suas obras sugeriam um posicionamento político e ideológico conciliatório; mas também a condição de um reconhecimento em uma sociedade hierarquizada como a brasileira. Uma interessante explicação é a que Carlos Nelson Coutinho nos oferece, apreendendo em Lukacs o conceito de Intimismo à Sombra do Poder, em especial quando analisou a obra de Lima Barreto. Segundo ele:

‘o intelectual cooptado não tem que ser necessariamente um apologeta do regime que o mantém e do estado a que está ligado. Ele pode, em sua criação cultural ou artística, cultivar sua própria identidade, ou seja, dar expressão a ideologias e estilos estéticos que lhe pareçam mais adequados à sua subjetividade criadora. Mas o fato é que, a própria situação de isolamento em face dos problemas do povo-nação, a torre de marfim voluntária ou involuntária em que é lançado pela situação de cooptação (e pela ausência da sociedade civil), faz com que a cultura elaborada pelos intelectuais cooptados evite de tratar dos problemas explosivos da sociedade, evite por em discussão as relações sociais de poder vigentes, com as quais estão direta ou indiretamente comprometidos’. ²

De qualquer forma, quando utilizado o conceito de Raça no Brasil ou mesmo o de Branqueamento, percebe-se que suas raízes

² COUTINHO, Carlos Nelson. Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaio sobre Idéias e Formas. Belo Horizonte: Ed. Oficina de Livros, 1990, p. 20,- 21.

são profundas, não sendo casual que a agenda da escravidão foi a gradual Emancipação (e não da libertação dos escravos), que teve um início concomitantemente à agenda da imigração branca (possibilidades de imigração chinesa foram totalmente descartadas). Vale ainda registrar que não seria coincidência que esta política se operou conjuntamente à promulgação da Lei de Terra, – que inviabilizava sua aquisição que não fosse mediante compra, abortando a reforma agrária, diga-se promulgada subsequentemente ao fim do Tráfego Negreiro. Como ressaltado, este aspecto expressaria o debate sobre o negro, mas também do subalterno enquanto excludente muito presente no pensamento social brasileiro ao longo do século XIX, pavimentando pontes para a dominação da elite predominantemente branca advinda desde a colonização.

Porém, isso não aconteceu sem resistência, resistência que se operacionalizou de várias formas a longo de nossa história, inclusive armada. Teoricamente, novos paradigmas se apresentaram e foram se constituindo como referenciais de grupos, atores e autores, e o país também mudava de uma sociedade rural à urbana. Entre as novas bases teóricas que confrontavam os alicerces até então estabelecidos; uma delas foi o positivismo. Conservador na Europa, mas sua expressão de cidadania implicava um avanço progressista extraordinário numa sociedade hierarquizada e escravocrata como a brasileira; sendo seguido não muito tempo depois pelo marxismo, que gradualmente se fez presente com a emergência do movimento operário.

Como esse debate não permite, nos limites desse ensaio maiores aprofundamentos, vou afunilar minha reflexão em um exemplo de autor cuja obra bem expressa essas contradições e ambiguidades ainda na virada desse milênio, estabelecendo uma hipótese explicativa enquanto possibilidade de análise, refiro a

Euclides da Cunha e seu clássico Os Sertões.³

Passados pouco tempo que rememoramos o centenário de seu falecimento, essa reflexão também se apresenta como um imperativo de reavaliação do autor, embora ele não seja o único intelectual que mereça a mesma consideração. Qualquer que seja o enfoque, vale inicialmente chamar atenção para essa necessidade, particularmente face à subalternidade de muitos dos trabalhos sobre ele privilegiarem os aspectos relacionados à tragédia de sua vida pessoal. Porém, procuro chamar atenção que as sucessivas edições de ‘Os Sertões’ também estarem ausentes de uma revisão crítica, salvo ensaios pontuais e pouco debatidos. Um deles, central em nossa leitura é **Euclides da Cunha: a instituição e a superstição**, de autoria de Nelson Werneck Sodré.⁴

Todavia, **Euclides da Cunha** é autor de um livro fenomenal e vamos inicialmente ao diálogo com **Os Sertões**. De início, vale pontuar que, apesar de haver muitas teorias relacionadas à formação de **Euclides da Cunha** (solitário, influência sertaneja da **Avó** entre outras), estabelecemos nesse ensaio uma outra linha de argumentação, apreendendo em Michel Lowy uma leitura também pautada em Lukacs que versa sobre a rotação à esquerda ou razões dos intelectuais Pequenos Burgueses se converterem ao ideário Socialista.⁵ **Euclides da Cunha** era um deles, e nele encontramos enquanto intelectual e sua trajetória pistas interessantes para pavimentarmos nossa hipótese. Aliás, essa é uma face sua bem pouco explorada, mas segundo Leandro Konder, **Euclides da Cunha** veio a ser o maior conhecedor do marxismo no seu tempo⁶ ; muito tempo antes da formação do

3 CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

4 SODRÉ, Nelson Werneck. *Ideologia do Colonialismo*. Rio de Janeiro: col. Textos Brasileiros, Iseb, 1961, p. 103 a 166.

5 LOWY, Michel. *Para uma Sociologia dos intelectuais Revolucionários. A Evolução política de Lukacs (1909-1929)*. São Paulo: Ed. Lech, 1979, especialmente cap. I.

6 KONDER, Leandro. *A derrota da Dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30*. Rio de Janeiro, campus, 198, especialmente os cap. 4 e 5.

Partido Comunista que ocorreria somente em 1922; sendo mais conhecida a influência positivista em sua reflexão e trajetória. Por essa razão, pretendemos nesse ensaio demonstrar que, muito mais que influências particulares relacionadas à família (que não podem ser menosprezadas), o meio foi o ponto central que operou sua formação intelectual como social.

Na verdade, ele viveu intensamente as grandes questões do império à república, tendo inclusive como professor, Benjamin Constant; um personagem importante de nossa história e que também seria seu mestre na Escola Militar, instituição em que ingressaria mais tarde. Esse é um aspecto importante, já que ali muitos jovens estudantes como ele passaram a ter contato com as idéias de Augusto Comte e o Positivismo. Há, no entanto, um parêntese a ser relacionado. Estudar na Escola Militar indicava a única possibilidade de desenvolver seus conhecimentos à época, e ascender socialmente, na medida que era propiciada uma formação gratuita. Ao contrário da aristocrática Marinha, havia na Escola Militar uma grande presença de jovens oriundos da pequena burguesia, e que acabou sendo uma determinação no exército; sendo a instituição conjuntamente, palco da campanha abolicionista. Às vésperas da proclamação da república, os militares inclusive elaboraram uma resolução de que a instituição não era formada de ‘capitães do mato’. Daí o espírito de revolta foi um passo. É conhecido o incidente em que Euclides da Cunha se envolveu em 1888, quando chegou a ser expulso da Escola, ao se rebelar sozinho em uma das últimas visitas do ministro da guerra do império à instituição. Embora tenha sido, posteriormente, readmitido com a proclamação da república, sua carreira militar não duraria muito e, em 1896, em definitivo, abandonou o exército.

Temos então o início de sua carreira como escritor, muito mais conhecida pela função de correspondente de guerra quando foi cobrir a Campanha de Canudos. Voltaremos a esse ponto,

mas sua maturação intelectual encontraria possibilidades de reflexão somente anos depois, curiosamente, na condição de engenheiro, quando foi vistoriar a construção de uma ponte em São José do Rio Pardo. Esse foi um momento privilegiado na sua trajetória enquanto literato, e nela, alguns aspectos chamam atenção. Euclides da Cunha amou acima de tudo a república, e sua reflexão foi militante, embora de uma única obra de referência, 'Os Sertões'. É nela que nos deteremos para dialogar com o autor e descrever a trajetória de sua preparação. Como foi sinalizado por Leandro Konder,⁷ ele teve uma aproximação com os autores de esquerda, e até assinava alguns de seus artigos com o pseudônimo de Proudhon. O fato dele ter sido militar, e um militar iniciado nas letras, é que possibilitou o convite para atuar como correspondente na última das expedições militares contra Canudos.

Porém, valem algumas considerações. Paralelo às lutas internas entre os republicanos que queriam pontuar o futuro projeto de república, a imprensa pontuava a rebelião de Canudos como um reduto monarquista. Euclides também foi para a região acreditando nessa falácia, e escreveu artigos nessa linha, como adjetivando a região como a Nossa Vendéia, região contra-revolucionária à época da revolução francesa. Na verdade, estava em curso o projeto republicano oligárquico que acabaria prevalecendo (Prudente de Moraes e a política Café com Leite); e, ele como um Republicano Histórico, desiludido com o regime. Por essa razão, são compreensíveis sua aproximação com o pensamento socialista. Mas voltando aos Sertões: Descreve o cenário na região de Canudos como o de um semifeudalismo, expressando inicialmente a leitura daqueles que participaram das campanhas iniciais, como uma sedição de fanáticos monarquistas. Na terceira expedição de que participou, logo no

7 KONDER, Leandro. A derrota da Dialética... op. cit., cap. 4 e 5.

início teve dúvidas, na medida que ouviu de um brilhante oficial que não havia monarquismo em Canudos. Como ressaltado, essa maturação reflexiva somente se expressaria nessa obra anos depois, quando teve uma pausa para escrever Os Sertões, e ocorreu quando foi vistoriar a construção de uma ponte em São José do Rio Pardo, local onde passaria três anos. O curioso é que ali, é um momento que travou contato com o socialista Francisco Escobar, uma amizade determinante e influente junto ao autor. Não seria coincidência, Euclides fundar naquela cidade um Partido Socialista em São José do Rio Pardo, redigido-lhe inclusive o programa.

Todavia, vale ressaltar que há uma grande diferença daquele intelectual-correspondente que foi a Canudos em 1897; e o outro que publicou a edição primeira de 1902, aspecto bem perceptível pelos dois trabalhos relacionados à temática: Diário dos Sertões e o conseqüente Os Sertões. E qual a diferença fundamental entre uma obra e outra? Retornando ao diálogo com Carlos Nelson, ele diz que:

‘ fato é que, a própria situação de isolamento em face dos problemas do povo-nação, a torre de marfim voluntária ou involuntária em que é lançado pela situação de cooptação (e pela ausência da sociedade civil), faz com que a cultura elaborada pelos intelectuais cooptados evite de tratar dos problemas explosivos da sociedade, evite por em discussão as relações sociais de poder vigentes, com as quais estão direta ou indiretamente comprometidos.’⁸

Como salientamos, se esta foi uma norma presente na maioria deles à época, não foi o caso de Euclides da Cunha, muito pelo

8 COUTINHO, Carlos Nelson. Cultura e Sociedade no Brasil... op. cit. p. 21, 22.

contrário. Recorremos a Nelson Werneck Sodré que chama atenção como ele procurou utilizar a Ciência de seu tempo para explicar Canudos, e nisso resulta em sua leitura, conceitualmente, aquilo denominou “A Ideologia do Colonialismo”. Qual é seu significado? Nas suas palavras”:

‘se entende aqui, pelo conjunto de idéias e conceito que, gerados e desenvolvidos com a expansão colonial das nações do ocidente europeu, pretendiam justificar a sua denominação (dominação) sobre as áreas de que se haviam apossado em ultramar e que dominavam direta ou indiretamente, gerindo-lhe os destinos pela posse territorial, ou orientando ao sabor de seus interesses, pela supremacia econômica sobre ele ou suas suas metrópoles [...] Sumariamente, nos fins do século XIX tal ideologia reunia tudo o que justificava a exploração colonial: conceito de clima, conceitos de raça, conceitos de civilização. Sob o clima tropical não seria possível forma adiantada de organização social, econômica ou política, a raça negra seria inferior, e como tal destinada somente ao trabalho, influenciando negativamente nos cruzamentos em que concorresse....’.⁹

Qualquer que seja o referencial posto, nos trabalhos de Euclides da Cunha é possível perceber a tensão presente entre o autor e obra, sendo A Ideologia do Colonialismo um aspecto explicativo diferencial, em que pese, igualmente singular, sob qualquer perspectiva de análise. E isto se apresentou no sentido que Euclides procurou subsidiar sua leitura naquilo que Sodré

9 SODRÉ, Nelson Werneck. Ideologia do Colonialismo... op. cit.; p. 133.

denominou Espírito Científico do seu tempo. Talvez seja este o ponto central e aquilo que nos interessa diretamente nesta exposição. Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha procurou se subsidiar do instrumental analítico da época, mas aí residia o problema. O etnocentrismo, aliás, muito bem fundamentado em Nina Rodrigues no Brasil, mas não somente, encontrava respaldo em teorias ditas científicas como Lapouge, Buckle entre outros que pontuavam o conceito de raça, articulado ao de clima, vegetação, aspectos geográficos.

Há um certo consenso entre os leitores sobre as dificuldades em encarar a primeira parte de *Os Sertões*, intitulada *A Terra e depois O Homem*. A terceira, *A Luta*, é a mais interessante. A rigor, você precisa ser um geógrafo, botânico, meteorologista, enfim, as partes iniciais são passagens áridas, mas compreensíveis à luz das teorias da época para entender a obra e a explicação científica que o mesmo procurou propiciar para o entendimento de *Canudos*. Nesse sentido é que percebemos apontamentos igualmente polêmicos, em que pese haja pistas elucidativas de sua apreensão. Decorre, no entanto, a questão posta por Sodré, sugerindo o conceito da Ideologia do Colonialismo presente neste debate, como reflexo da discrepância entre os *Diários* e os *Sertões*. Não há traço de inferioridade de raças no primeiro, para depois, em os *Sertões*, perceber que há uma valoração desse traço aristocrático do português via influência de Nina Rodrigues. O conceito de raça começou a ser superado na sociologia brasileira com Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, embora ainda fosse operado por muitos autores em suas obras ao longo dos anos seguintes. Há, no entanto, sempre a necessidade de alguns intelectuais se subsidiarem por este instrumental analítico de que à época se serviu Euclides da Cunha.

Ao ponto final deste diálogo com Euclides e sua obra, salientamos que há um aspecto negativo por ele pontuado

ou mesmo expressão do preconceito de raça; mas isso deve ser apreendido à luz das teorias do seu tempo, embora seja difícil entender a contemporaneidade de teorias correlatas de superioridade de raças do século XX. Uma delas, não muito distante no tempo, foi a Curva de Bell nos anos 90; outro exemplo dessa trilha etnocêntrica adveio da manifestação de um prêmio Nobel de Medicina de 1962, James Watson. Em palestra na Inglaterra em 2006, afirmou que a inteligência dos negros seria à inferior a dos brancos, pontificando que não existe razão para acreditar que a capacidade intelectual dos povos separados geograficamente e tenha evoluído de modo idêntico. Não foi um caso isolado. Outro caso polêmico veio de uma declaração do Diretor do Banco Central da Alemanha e membro do Partido Social Democrata alemão em 2010, Thilo Sarrazin (também publicada em livro de sua autoria), quando fez um violento discurso contra os imigrantes. Nele, dizia que a degeneração da raça alemã se dá por causa do fluxo dos imigrantes, já que eles não se adaptam e têm nível de inteligência baixo. Sua verborragia não remeteu somente aos muçulmanos e árabes, mas igualmente aos judeus.¹⁰

Por paradoxal que seja, vale recorrer à ciência do nosso tempo para superar esses conceitos e preconceitos, valorizando a contribuição última do Projeto Genoma; embora isso não signifique que a superação de uma tese dita científica como aquela ser colocada no limbo da história; que a mesma não seja objeto de apreensão ideológica para sustentar leitura de hegemonia. Seguramente, o conceito de raça foi teoricamente enterrado de forma definitiva com o Projeto Genoma, especialmente quando descobrimos através do mapeamento do genoma humano que não há diferença entre brancos e negros e mesmo algumas surpresas e quando comparada nosso código genético com insetos e animais, a diferença não é tão significativa quando imaginávamos.

10 Folha de São Paulo, 19/10/2007; 31/08/2010.

Porém, o ponto central de nossa reflexão ainda não cabe finalização nesse ensaio, mas vale registrar que, se não fosse a trágica morte de Euclides da Cunha, podemos sugerir que havia indícios que estava em curso uma revalorização dessa linha de interpretação posta inicialmente nos Sertões.¹¹ Aliás, admitida por Euclides em uma frase ontológica: *o sertanejo é antes de tudo um forte*. Esse é o ponto de partida para sua reavaliação e reflexão, já que isso diz muita coisa, e é o que prevalece e desafia qualquer incompreensão. De qualquer forma, esse é um outro debate.

BIBLIOGRAFIA

- BASTOS, ÉLIDE RUGAI; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis. *Intelectuais: sociedade e Política*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaio sobre Idéias e Formas*. Belo Horizonte : Oficina de Livros, 1990.
- CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- LOWY, Michel. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários, a evolução política de Luckacs (1909-1929)*. São Paulo: Lech, 1979.
- KONDER, Leandro. *A derrota da Dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos 30*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- MERCADANTE, Paulo. *A consciência conservadora no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MICELI, S.- *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.
- MORAES, Reginaldo; ANTUNES, Ricardo; FERRANTE, Vera (org). *Inteligência Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PECAUT, Daniel. - *Os intelectuais e a política no Brasil*. São Paulo: Ática, 1990.
- SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Ideologia do colonialismo*. Rio de Janeiro: ISEB. (col. Textos Brasileiros), 1961.

11 SODRÉ, Nelson Werneck. *Ideologia do Colonialismo*, p. 141.